

Biblioteca Virtualbooks



DESMASCARAMENTO DE UM EMBUSTEIRO Franz Kafka

**Tradução de
SILVEIRA DE SOUZA**

DESMASCARAMENTO DE UM EMBUSTEIRO

Franz Kafka

Desenhos de Kafka

**Tradução de
SILVEIRA DE SOUZA**



Finalmente por volta das dez horas da noite, com um indivíduo que conheci recentemente e de passagem e que desta vez grudou-se de novo a mim de modo inesperado, acompanhando-me pelas ruas cerca de duas horas, cheguei defronte à magnificente casa, no alto, onde eu havia sido convidado para uma recepção.

“Bem”, disse eu e bati com as mãos espalmadas, sinal de indeclinável necessidade de despedida. Havia ensaiado antes outras tentativas sem o menor êxito. Eu já estava ficando cansado demais. “Você vai subir agora?”, perguntou ele.

Ouvia-se em sua boca um ruído semelhante a dentes que se entrechocavam.

“Sim.”

Eu havia sido convidado, já lhe dissera isso. Mas havia sido convidado para subir até lá, onde agora estaria em lugar tão agradável, e não para ficar aqui em baixo junto do portão a olhar tudo por sobre a orelha do acompanhante a minha frente. E ainda menos para ficar aqui com ele, sem dizer nada, como se houvéssemos decidido permanecer assim por longo tempo neste sítio. Ao mesmo tempo as casas da vizinhança pareciam compartilhar desse silêncio, e a escuridão avançava até as estrelas. E os passos de invisível transeunte, cujo percurso não tínhamos o menor desejo de adivinhar, o vento, que pressionava assobiando permanentemente na esquina do lado oposto, um gramofone, que cantava por detrás de uma janela fechada de algum quarto – eles concediam que se ouvisse esse silêncio, como se fosse propriedade deles desde sempre e para sempre. E o meu acompanhante resignava-se consigo mesmo – e depois de um sorriso – também em meu nome, estendendo contra a parede o braço direito levantado e apoiando nele seu rosto, de olhos fechados.

Esse sorriso, entretanto, evitei vê-lo até o fim, pois subitamente a vergonha fez com que me desviasse dele. Reconheci também, só por esse sorriso, que ali estava um embusteiro, nada mais que isso. E eu já estava há meses nesta cidade, julgava conhecer perfeitamente a esses impostores, como estendiam as mãos, à noite, saindo das vielas, como taverneiros vindos ao nosso encontro; como ficavam em torno dos cartazes publicitários, próximos de nós, fazendo uma espécie de jogo de esconde-esconde e

também por detrás das colunas, para nos espionarem pelo menos com um olho; como eles de repente oscilavam para um lado e outro a nossa frente, nas esquinas, quando estávamos ansiosos, desviando-nos para o meio-fio da calçada. No entanto eu os compreendia muito bem, eles haviam sido meus primeiros conhecidos nas pequenas hospedarias da cidade, e era grato a eles pela primeira oportunidade de percepção de uma inflexibilidade que dificilmente poderei abstrair agora dos acontecimentos deste mundo e que começo já a sentir em mim próprio. Como se colavam a alguém com insistência, mesmo quando essa pessoa tentava fugir deles, mesmo quando não havia mais nenhuma possibilidade de agarrá-la. Como não se cansavam, como não se deixavam abater, como fixavam em alguém um olhar, ainda que na distância, sempre persuasivo. E os seus métodos eram sempre os mesmos: estacavam a nossa frente, da maneira mais ampla possível; buscavam impedir que nos afastássemos para ir aonde nos esforçávamos para ir; preparavam-nos para um local substituto em seu próprio peito e finalmente quando imaginavam reunir todo o nosso sentimento, consideravam isso como um abraço, ao qual se atiravam, com o rosto avançando adiantado.

Mas desta vez só agora reconhecia esses velhos expedientes, a despeito da longa convivência que tive com eles. Esfreguei a ponta dos dedos, uma nas outras, para disfarçar a vergonha.

O meu acompanhante, entretanto, apoiava-se ainda, como antes, à parede, comportando-se sempre como um embusteiro, e a satisfação com seu destino estampava-se no rosto franco e corado.

“Já te conheço!”, disse eu e dei-lhe uma palmadinha no ombro. Depois subi apressado os degraus da escada, e os rostos superficiais e reverentes dos criados na ante-sala me alegraram como uma bela surpresa. Olhei-os a todos, enfileirados, enquanto me retiravam o sobretudo e espanavam o pó dos sapatos. Entrei na sala aliviado e com desenvoltura.

* * * * *

Texto original em alemão:

ENTLARVUNG EINES BAUERNFÄNGERS

Franz Kafka



Endlich gegen 10 Uhr
abends kam ich mit
einem mir von früher
her nur flüchtig
bekannten Mann, der
sich mir dies-mal
unversehens wieder
angeschlossen und
mich zwei Stunden lang
in den Gassen
herumgezogen hatte,
vor dem

herrschaftlichen Hause an, in das ich zu einer
Gesellschaft geladen war.

»So!« sagte ich und klatschte in die Hände zum
Zeichen der unbedingten Notwendigkeit des

Abschieds. Weniger bestimmte Versuche hatte ich schon einige gemacht. Ich war schon ganz müde.

»Gehen Sie gleich hinauf?« fragte er. In seinem Munde hörte ich ein Geräusch wie vom Aneinanderschlagen der Zähne.

»Ja«.

Ich war doch eingeladen, ich hatte es ihm gleich gesagt. Aber ich war eingeladen, hinaufzukommen, wo ich schon so gerne gewesen wäre, und nicht hier unten vor dem Tor zu stehen und an den Ohren meines Gegenübers vorüberzuschauen. Und jetzt noch mit ihm stumm zu werden, als seien wir zu einem langen Aufenthalt auf diesem Fleck entschlossen. Dabei nahmen an diesem Schweigen gleich die Häuser rings herum ihren Anteil, und das Dunkel über ihnen bis zu den Sternen. Und die Schritte unsichtbarer Spaziergänger, deren Wege zu erraten man nicht Lust hatte, der Wind, der immer wieder an die gegenüberliegende Strassenseite drückte, ein Grammophon, das gegen die geschlossenen Fenster irgendeines Zimmers sang, - sie ließen aus diesem Schweigen sich hören, als sei es ihr Eigentum seit jeher und für immer.

Und mein Begleiter fügte sich in seinem und - nach einem Lächeln - auch in meinem Namen, streckte die Mauer entlang den rechten Arm aufwärts und lehnte sein Gesicht, die Augen schließend, an ihn.

Doch dieses Lächeln sah ich nicht mehr ganz zu Ende, denn Scham drehte mich plötzlich herum. Erst an diesem Lächeln also hatte ich erkannt, daß das ein Bauernfänger war, nichts weiter. Und ich war doch schon Monate lang in dieser Stadt, hatte geglaubt, diese Bauernfänger durch und durch zu kennen, wie sie bei Nacht aus Seitenstraßen, die

Hände vorgestreckt, wie Gastwirte uns entgegentreten, wie sie sich um die Anschlagsäule, bei der wir stehen, herumdrücken, wie zum Versteckenspielen und hinter der Säulenrundung hervor zumindest mit einem Auge spionieren, wie sie in Straßenkreuzungen, wenn wir ängstlich werden, auf einmal vor uns schweben auf der Kante unseres Trottoirs! Ich verstand sie doch so gut, sie waren ja meine ersten städtischen Bekannten in den kleinen Wirtshäusern gewesen, und ich verdankte ihnen den ersten Anblick einer Unnachgiebigkeit, die ich mir jetzt so wenig von der Erde wegdenken konnte, daß ich sie schon in mir zu fühlen begann. Wie standen sie einem noch gegenüber, selbst wenn man ihnen schon längst entlaufen war, wenn es also längst nichts mehr zu fangen gab! Wie setzten sie sich nicht, wie fielen sie nicht hin, sondern sahen einen mit Blicken an, die noch immer, wenn auch nur aus der Ferne, überzeugten! Und ihre Mittel waren stets die gleichen: Sie stellten sich vor uns hin, so breit sie konnten; suchten uns abzuhalten von dort, wohin wir strebten; bereiteten uns zum Ersatz eine Wohnung in ihrer eigenen Brust, und bäumte sich endlich das gesammelte Gefühl in uns auf, nahmen sie es als Umarmung, in die sie sich warfen, das Gesicht voran.

Und diese alten Späße hatte ich diesmal erst nach so langem Beisammensein erkannt. Ich zerrieb mir die Fingerspitzen an einander, um die Schande ungeschehen zu machen.

Mein Mann aber lehnte hier noch wie früher, hielt sich noch immer für einen Bauernfänger, und die Zufriedenheit mit seinem Schicksal rötete ihm die freie Wange.

»Erkannt!« sagte ich und klopfte ihm noch leicht auf die Schulter. Dann eilte ich die Treppe hinauf

und die so grund-los treuen Gesichter der Dienerschaft oben im Vorzimmer freuten mich wie eine schöne Überraschung. Ich sah sie alle der Reihe nach an, während man mir den Mantel abnahm und die Stiefel abstaubte. Aufatmend und langgestreckt betrat ich dann den Saal.

* * * * *

Sobre o autor



Franz Kafka

Nasceu em Praga a 3 de julho de 1883, cidade que durante todos os 35 anos da vida do escritor pertenceu à monarquia austro-húngara. Filho de um abastado comerciante judeu, Kafka cresceu sob as influências de três culturas: a judia, a tcheca e a alemã.

Filho de uma típica família judeu classe média, da qual escolheu como ícone seu pai, um comerciante autoritário, cuja figura patriarcal ficou associada, na cabeça do escritor, até o final de sua vida, a de um gigante, ao mesmo tempo fascinante e desprezível. *Carta ao Pai*, escrito em 1919, é um longo desabafo em que Kafka responsabiliza o pai (que é claro, nunca recebeu a tal carta) por sua incapacidade de viver, casar e amar como os outros. Escolherá a literatura para tentar exorcizar esse fantasma.

Em 1914 o escritor tcheco Franz Kafka, em seu livro, "O Processo", narrou a história de um bancário, Joseph K., que, ao acordar, é preso por policiais sem motivos declarados. O personagem parte para uma busca, durante toda obra, a fim de descobrir o motivo pelo qual estava sendo levado a julgamento.

Em vida, lançou *A Metamorfose* (1915), *Carta a meu Pai* e *Na Colônia Penal*, ambos de 1919, mas sem muita repercussão. Depois de morto, seu amigo Max Brod patrocinou as edições de *O Processo* (1925) e *O Castelo* (1926), seus principais romances, bem como o restante da obra kafkiana.



Sobre o tradutor



João Paulo **SILVEIRA DE SOUZA** nasceu em Florianópolis, SC, em 1933. Começou cedo suas atividades culturais em SC. Na década de 50 passou a integrar o Círculo de Arte Moderna, mais conhecido como Grupo Sul, movimento que trouxe o Modernismo para Santa Catarina. Também nessa década participou de atividades teatrais, integrando como diretor do grupo teatral TESC (Teatro Experimental de SC); e dirigiu o mensário de literatura e arte *Roteiro*.

De 60 a 70, foi professor de matemática no Instituto Estadual de Educação e Escola Técnica Federal de SC, em Florianópolis. Dirigiu de 71 a 76, a Divisão de Informação e Divulgação do Departamento de Extensão Cultural da UFSC. Em 79, passou a trabalhar no setor de editoração da Fundação Catarinense de Cultura, onde coordenou as Edições FCC e dirigiu as publicações: Boi-de-Mamão (79 a 81); Cadernos da Cultura Catarinense (84-85) e Escritores Catarinenses, série de fascículos (90-91). Atualmente aposentado do serviço público, dedica-se a trabalhos de editoração eletrônica e projetos gráficos de livros. É membro da Academia Catarinense de Letras.

LIVROS PUBLICADOS

- O VIGIA E A CIDADE (contos), Florianópolis, SC, 1960;
- UMA VOZ NA PRAÇA (contos), Florianópolis, 1962;
- QUATRO ALAMEDAS, Porto Alegre, RS, 1976;
- OS PEQUENOS DESENCONTROS (crônicas), Florianópolis, 1977;
- O CAVALO EM CHAMAS (contos), São Paulo, SP, 1981;
- CANÁRIO DE ASSOBIOS (crônicas), Florianópolis, 1985;
- HYBRIS (poesia e prosa), Florianópolis, 1989;

- UM ÔNIBUS E QUATRO DESTINOS (romance, em parceria com Francisco José Pereira e Holdemar Menezes), Porto Alegre, 1994;
- RUMOR DE FOLHAS (poemas), Florianópolis, 1966;
- RELATOS ESCOLHIDOS (contos), Florianópolis, 1998;
- TROLOLO PARA FLAUTA E CAVAQUINHO (crônicas), em parceria com Flávio José Cardozo, Florianópolis, 1999.

